

UMA "CULTURA BRASILEIRA EM OPERAÇÕES DE PAZ"

Sérgio Luiz Cruz Aguilar¹

UNIVEM – Marília/SP

GAPCon/UCAM – Rio de Janeiro/RJ

RESUMO

O trabalho é parte do caderno preparado pelo GT IV do GAPCon que apresentou os atributos peculiares do povo brasileiro utilizados em prol das operações de paz. A maneira peculiar de participar na manutenção da paz foi analisada a partir do que chamamos de “cultura brasileira de operações de paz”, destacando alguns atributos característicos do brasileiro como fator importante para a consecução e o sucesso das missões em que o Brasil tem se feito presente. O trabalho apresenta alguns atributos importantes não apenas nos aspectos militares das operações como também nos aspectos civis de reconstrução/construção das instituições e infra-estrutura que darão condições de governança aos países recém saídos de uma situação de conflito armado

PALAVRAS-CHAVE: Brasil – Operações de Paz – Cultura Militar

ABSTRACT:

The work is part of the study prepared by GT IV of GAPCon who presented the peculiar attributes of the Brazilian people used in support of the peace keeping operations. The peculiar way to participate in peacekeeping was analyzed from what we call the "Brazilian culture of peace operations", highlighting some attributes characteristic of the Brazilian as important factor for the achievement and success of the missions which Brazil has being present. The work has some important attributes not only on military aspects of operations but also in civilian aspects of reconstruction/construction of institutions and infrastructure that will provide conditions of governance for countries newly emerging from a situation of armed conflict.

KEY WORDS: Brazil – Peacekeeping operations – Military Culture

¹ Doutorando em História (UNESP – Assis – SP). Mestre em Integração Latino-Americana (UFSM). Especialista em História das Relações Internacionais (UERJ) e em Estratégias de Relações Internacionais (UCAM). Graduado em Ciências Militares (AMAN). Observador da ONU na guerra civil na antiga Iugoslávia entre 1995 e 1996.

INTRODUÇÃO

Entre 1948 e 2008 o Brasil participou de 38 missões de paz da Organização das Nações Unidas, empregando mais de vinte mil homens, entre observadores militares, observadores policiais, peritos eleitorais, especialistas em saúde e tropas armadas.² Uma análise da presença brasileira nessas operações, permite verificar que alguns atributos do povo brasileiro se sobressaem quando utilizados nas missões de manutenção da paz e, por vezes, extrapolam o escopo das mesmas. São, portanto, fator importante para o sucesso das missões não apenas no aspecto militar como também, e talvez principalmente, nos aspectos civis de construção/reconstrução das instituições que darão condições de governança aos países recém saídos de uma situação de conflito armado.

Pelo viés antropológico a cultura seria modo de vida de um povo e, segundo Martins, abrange “os elementos distintivos pelos quais cada indivíduo refere sua identidade pessoal ao conjunto de fatores que a definem. Língua, espaço, época, religião, parentesco, sexo, liames particulares, enfim, o feixe de interseções historicamente dado que é processado e incorporado subjetivamente pelo indivíduo”.³ Pode ser entendida, também, como “composta de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupos de indivíduos guiam seu comportamento”.⁴ Seu tratamento impõe, então, o estudo de um conjunto de valores, estilos, formas de pensar, que se estende a um grupo social.⁵ Assim, poderíamos afirmar que, após mais de 50 anos de presença nas operações de paz, houve a formação de uma “cultura brasileira em operações de paz”, um modo diferente de agir que dá uma identidade pessoal ao brasileiro quando investido da função de *peacekeeper*.

Atuar nessas operações envolve uma gama de aspectos como vontade, princípios, estratégias, táticas e habilidades que fazem parte de uma experiência acumulada por um longo tempo executando essa atividade. Com base em valores e características do povo brasileiro, que se constituem em atributos importantes evidenciados quando da participação em operações de paz, e na atuação de nossa diplomacia, o artigo conclui que há uma cultura brasileira, um jeito brasileiro de fazer a paz.

ATRIBUTOS DO BRASILEIRO EM PRÓL DA PAZ

Inicialmente vale destacar o **caráter negociador**, atributo que implica na tentativa de inúmeros caminhos para cumprir as missões, evitando chegar às últimas conseqüências, ou seja, utilizando a força apenas em situações extremas e somente após esgotadas todas as possibilidades. Implica,

² Sobre um balanço da participação brasileira nas operações de manutenção da paz, ver AGUILAR, Sergio Luiz Cruz (Org.). **Brasil em Missões de Paz**. São Paulo: Usina do Livro, 2005.

³ MARTINS, Estevão Chaves de Resende. *Relações Internacionais Cultura e Poder*. Brasília: FUNAG/IBRI, 2002, p. 43 – 44.

⁴ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação as Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 8.

⁵ ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

também, entender que a população local não é inimiga, mas um povo de uma região onde a segurança, dentre outros aspectos, foi negligenciada devido ao conflito. É a mesma postura empregada nas chamadas operações de Garantia da Lei e da Ordem realizadas no interior do Estado.

Outro atributo de destaque é o **profissionalismo** do soldado brasileiro e a permanente noção de cumprimento de missão que vem da formação desenvolvida nas escolas militares e passa pelo dia-a-dia dos quartéis onde é constantemente cobrado. Com os problemas orçamentários das últimas décadas, o investimento nos recursos humanos se tornou fundamental para a manutenção de uma tropa em condições de cumprir as missões que lhes são atribuídas. O Exército Brasileiro, por exemplo, adotou a estratégia de manter ilhas de excelência, distribuindo maiores recursos para tropas que deveriam manter maior nível de operacionalidade e para as escolas militares. Adicionando-se a essa característica, a seleção e treinamento criteriosos dos componentes dos contingentes enviados para as operações de paz, os militares brasileiros têm se destacado pelo alto nível profissional que apresentam.

Outra característica do brasileiro que se sobressai é a **facilidade de comunicação**. Na maior parte das operações que o país se fez presente, a língua falada no “*host country*” era diferente do português mas, independente do idioma, rapidamente o brasileiro consegue se comunicar tanto com outros integrantes da força de paz como com a população em geral.

As diversas situações de tensão, por vezes, favorecem o surgimento de problemas de relacionamento entre integrantes de uma operação de paz por razões raciais ou religiosas. Se estes problemas se agravam podem se configurar problemas de relacionamento entre contingentes de países diferentes, tornando-se um dificultador a mais para o sucesso da operação. A diversidade existente no Brasil é incorporada no consciente do brasileiro, permitindo a **não segregação** racial ou religiosa. A **facilidade de relacionamento** com diferentes povos, costumes e culturas tem relação com a origem, um país com grande área territorial onde se faz presente uma grande diversidade, que acaba tornando o brasileiro diferente no trato com outras populações e com militares de outras nações que integram as forças de paz.

No Brasil, a convivência de diversas classes sociais num espaço físico muito próximo é claramente perceptível. Se observarmos as duas maiores cidades brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro, bairros nobres com população de melhor nível social se encontram ao lado de favelas, muitas delas apresentando situação de extrema pobreza. Isso permite que o nosso soldado transite mais facilmente em situações semelhantes em áreas de conflito ou pós-conflito. As situações de miséria observadas por nossos soldados não causam tanto impacto a ponto de causar traumas ou distanciá-los das populações mais pobres, com o conseqüente prejuízo para as ações. Ao contrário,

permitem uma aproximação destes com a população local, estimulando o **espírito de solidariedade** e de ajuda.

Para integrantes das missões oriundos de países mais desenvolvidos, inicialmente há um impacto muito grande e uma maior dificuldade de adaptação a espaços devastados, populações pobres, vivendo em condições sub-humanas, o que é bastante atenuada no caso dos brasileiros e reduz o tempo de uma adaptação inicial, permitindo que os resultados positivos surjam mais rápido. Essa **capacidade de adaptação** é ainda mais importante se levarmos em consideração a política brasileira de rodízio das tropas a cada seis meses.

Inter-relacionado com a solidariedade, a generosidade, o carinho para com os locais, é a **horizontalidade**, entendida como ver o outro como igual, não se colocar num plano superior em razão das condições difíceis que normalmente se encontram as populações em regiões de conflito. O reconhecimento da simpatia, a fraternidade traz a **confiança** necessária para acreditar que sua única intenção é a de auxiliar, sem que haja por detrás de suas ações qualquer interesse político ou financeiro, ou seja, que a atuação se dá com **imparcialidade**.

Junto com a **facilidade de entrosamento em ambiente multinacional**, apresenta-se, também, a alegria natural do brasileiro que ajuda a angariar a simpatia e a boa vontade dos militares e civis estrangeiros que trabalham nas operações, bem como das autoridades e da população do país onde elas se desenvolvem.

Outra característica mesmo em situações mais difíceis é o **bom humor** um tanto anormal em determinadas situações de risco. Essa característica inerente do povo brasileiro e que se mantém nas operações de paz, apesar dos “fatores de estresse” que possam surgir, facilita sobremaneira o relacionamento e, conseqüentemente, as negociações.

Nossa cultura também serve de um grande cartão de visitas para outros povos. Algumas “marcas” do Brasil no exterior (carnaval, esportes como o futebol e o voleibol, novelas, etc,) permitem a formação de uma visão positiva dos brasileiros e atuam de maneira facilitadora de relacionamento, auxiliando sobremaneira em situações de tensão.

Facilidade de relacionamento, simpatia e solidariedade facilitam o desempenho de funções, muitas das vezes árduas, que só se realizam pela motivação de cumprir a missão. Em se tratando de situações de risco, sempre presentes nas operações de paz, o brasileiro também se caracteriza por manter a **boa vontade** em resolver os problemas que se apresentam, ultrapassando por vezes os limites impostos pela missão, mesmo que possam aumentar o grau de risco dos envolvidos.

Outro aspecto importante é o assumir para si a tarefa do órgão responsável pela operação maior, neste caso as Nações Unidas, e bem cumpri-la como se fosse uma missão recebida de seus próprios chefes no Brasil. Utilizando o jargão popular do futebol, é o que chamamos de "**vestir a**

camisa". Esse atributo significa utilizar todas as formas para que os objetivos sejam alcançados. Não esmorecer ante os obstáculos, ou simplesmente apresentá-los para os órgãos superiores da operação e esperar que os mesmos resolvam a questão, seja com a intenção de apenas cumprir exatamente o que o mandato e as regras da missão estabelecem, seja com intuito de diminuir riscos ou de se eximir de responsabilidades.

Da mesma forma, a **prontidão** permite o cumprimento de missões que extrapolam as atribuições dos contingentes, que se desdobram em auxiliar outros setores por entender que suas atividades são também importantes e, de uma maneira ou de outra, auxiliarão a consecução das missões da tropa brasileira. Associado a ela está a **flexibilidade**, a rápida adaptação a situações novas, buscando soluções simples que permitam modificações no planejamento inicial de maneira clara e objetiva e que conduzem ao sucesso das ações.

Essa flexibilidade de modificar planejamentos ou buscar soluções novas para problemas de difícil solução tem sido um dos fatores que contribui para o sucesso das operações militares realizadas pelos contingentes brasileiros nas diversas missões de paz.

Além disso, há o entendimento que a decisão da participação em uma missão de paz é política e está relacionada com a Política Externa do País. Entretanto, para os *peacekeepers* o foco deve estar no cumprimento das missões atribuídas. Apresenta-se, portanto, uma forte **determinação** para cumprir a missão, aliada à **capacidade** de encontrar soluções para os problemas que se apresentam.

Esses preceitos permitiram que a tropa brasileira pacificasse dois bairros muito violentos no Haiti, Bel Air e Cité Militaire, e exercesse o controle da área mais difícil em termos de segurança, Cité Soléil através de um planejamento minucioso e uma execução impecável das operações incluindo o planejamento detalhado das operações ofensivas e tipo polícia e treinamento. A maneira como as ações foram realizadas no Haiti permite desenvolvimento de uma doutrina de emprego extremamente útil em operações que envolvam a ocupação de áreas marcadas pela ausência de autoridades públicas.⁶

É interessante destacar que essa atuação junto às comunidades carentes tem sido comum na atuação de tropas brasileiras nas diversas operações de paz é também uma aplicação da experiência que as Forças Armadas adquiriram ao longo de sua própria história por conta das hoje denominadas Ações Cívico-Sociais (ACISOs) e que são executadas por todas as unidades militares, em qualquer região do Brasil em que se encontrem, nas mais diversas áreas como saúde, educação, cultura, etc., mas sempre voltadas ao apoio às comunidades carentes. A utilização dessas ações durante a manutenção de paz, não almeja substituir as agências que têm essas missões específicas, mas usá-las para a conquista do apoio popular, fundamental para o sucesso de qualquer operação desse tipo.

⁶ PEREIRA, Merval. O Haiti é aqui? A ocupação. **O Globo**. Rio de Janeiro, 9 jun. 2007, p. 4.

A DIPLOMACIA VOLTADA PARA A PAZ

Uma postura coerente com princípios que não se alteram na sua essência em decorrência de grupos que se alternam no poder ajuda o exercício da resolução de um conflito. A postura coerente molda uma determinada imagem de confiança. Vários exemplos através da história demonstraram a habilidade brasileira em se apresentar como uma terceira parte isenta capaz de reunir os envolvidos em um conflito e facilitar os entendimentos, seja participando diretamente das negociações, ou apenas exercendo um papel de bons ofícios.

A diplomacia trabalha em prol dos interesses do Estado com o objetivo de manter a paz e permitir a coexistência com outros Estados. Quanto mais competente é a diplomacia, maiores dividendos serão obtidos pelo Estado e maior a sua capacidade de estimular práticas de tolerância e coexistência. A diplomacia brasileira é reconhecidamente competente o que permite ao Brasil manter uma tradição pacífica, sem ser pacifista.

A resolução de conflitos implica em esforços para a construção de amizades entre grupos que se vêem como inimigos ou, pelo menos, que consigam conviver com suas diferenças, levando à reconciliação e à reconstrução sócio-econômica da região afetada. Nesse processo, avulta de importância a neutralidade como sendo essencial para a construção da confiança, encorajando inimigos a se engajar nos processos de paz.

Uma diplomacia que se apresenta isenta em relação ao conflito, que se demonstra imparcial, que reflete uma imagem de neutralidade e consegue fazer com que as partes em conflito e as populações afetadas a percebam como tal, tem grandes chances de obter sucesso de aproximação das partes.

A diplomacia brasileira perfaz essas características, inserindo nesse contexto não apenas os diplomatas propriamente ditos, mas militares e policiais que participem de uma operação de paz, os quais, nesse caso, são agentes da diplomacia brasileira.

Na maior parte dos conflitos, há o engajamento das grandes potências, seja individualmente, seja em grupos formados para envidar esforços que conduzam ao cessar das hostilidades. No entanto, muitas vezes os representantes desses Estados já iniciam as negociações enfrentando sérias barreiras que dizem respeito, principalmente, à visão negativa que as partes envolvidas têm desses países, normalmente ligadas a um passado de intervenções e interesses particulares travestidos de boas intenções.

Assim, em vários deles, talvez, a condução da negociação, seja no caso de conflito armado já deflagrado, seja na gerência de uma crise ou na prevenção do conflito, por agentes de Estados

percebidos como realmente neutros e imparciais e sem interesses na região, facilita o processo de gerência ou resolução do conflito.

Pelas características de nossa diplomacia, pelo respeito que ela conquistou, pela credibilidade que transmite aos demais Estados e pela visão de neutralidade que a maior parte dos Estados têm do Brasil, há grandes chances de sucesso na atuação de seus agentes em gerenciamentos e resoluções de conflitos.

Os métodos utilizados nos processos de paz trazem implícitos uma série de valores e práticas que estimulam a construção da amizade. O brasileiro tem facilidade de fazer e manter amizades e há uma série de valores e práticas inerentes a ele que são perfeitamente conhecidas da comunidade internacional, fruto da coerência da diplomacia e da postura dos representantes do país nas dezenas de operações de paz que participamos, o que facilita o contato, a aproximação. A própria versatilidade e adaptabilidade do brasileiro permitem que se encontrem meios adequados, inovando ou utilizando métodos clássicos, mas ajustando-os continuamente de acordo com as mudanças das circunstâncias e oportunidades que surgirem durante o processo.

Tal versatilidade e adaptabilidade se tornam mais importantes quando as operações ocorrem em conflitos nos quais questões religiosas e/ou culturais atuam como fatores estimulantes e motivadores do próprio conflito ou de sua manutenção, fazendo com que, normalmente os envolvidos tendam a resistir a compromissos racionais de um estado de paz. Nesses casos, a multireligiosidade e a multiculturalidade do Brasil podem auxiliar na condução do processo, atuando como ponte no estabelecimento da comunicação direta entre os grupos adversários.

Além disso, a exemplo do que ocorreu em países de língua portuguesa e ocorre atualmente no Haiti, a utilização de projetos sociais brasileiros para ajudar a diminuir a situação de pobreza e provocar mudanças sociais serão extremamente bem-vindas.

Participação em operações de paz é decisão política e está estritamente relacionada com os interesses do país no plano internacional. Normalmente, uma maior participação reflete vontade política e ativismo na condução da Política Externa pelo Governo, demonstra postura de país grande e crença na capacidade de *policy-maker*.

Nesse contexto, o amistoso da seleção brasileira de futebol no Haiti representou um “gol de placa” da política externa brasileira numa demonstração de como uma iniciativa não-militar, utilizando uma imagem agregadora, no caso, da seleção brasileira, pode colaborar com uma missão de paz. As imagens da calorosa recepção do povo haitiano aos nossos jogadores, percorrendo as ruas de Porto Príncipe nos carros blindados brasileiros, a serviço da ONU, ganharam o mundo através da mídia internacional e demonstraram como um gesto simples pode se transformar num poderoso instrumento a favor da paz.

Logicamente, não foram simples os planejamentos e a execução de todos os procedimentos que se fizeram necessários para a realização do evento com a segurança que o mesmo este requeria. E aí também o Brasil, por meio do Itamaraty e dos militares que comandam as tropas da ONU naquele país, deu mostras de competência ao garantir a segurança física dos envolvidos e a realização da partida sem incidentes.

Os que lidam com a questão das operações de paz bem sabem da importância do apoio da população para o sucesso destas. Seja na manutenção da paz (*peace-keeping*), na imposição da paz (*peace-enforcement*) e, principalmente, nas ações de consolidação da paz (*peace-building*), a fim de evitar o ressurgimento das controvérsias, a atividade de comunicação social, nela inseridas as relações públicas, o marketing institucional e as operações psicológicas, esse apoio é fundamental.

Qualquer que seja o tipo de operação ou o local em que ela se desenvolve, a ONU mobiliza equipes especializadas para desenvolver extenso programa de ações com vista a obter o apoio da população da área. Diversos componentes das forças de paz - observadores militares, policiais, tropa armada e funcionários civis - auxiliam na obtenção de dados sobre a população local e seu sentimento em relação às atividades da Organização, os quais servem de base para o desenvolvimento de novas ações ou o re-direcionamento das que já estejam em andamento.

O amistoso da seleção, talvez, tenha obtido um resultado mais eficaz que várias ações psicológicas a um custo muito menor. Como os haitianos veneram nosso futebol, a realização do evento atuou como facilitador da aproximação das tropas brasileira com a população civil do País e, por conseguinte, de todos os componentes da ONU. Um evento dessa natureza serve ainda para chamar a atenção para o conflito e os esforços internacionais, podendo, inclusive, facilitar a obtenção de recursos para desenvolvimento de projetos de construção da paz.

A disposição de realizar o amistoso, a par dos perigos que se colocavam em decorrência da atual situação do país, foi mais uma demonstração da coerência entre os princípios fundamentais que regem nossas relações internacionais, expressos na Constituição Federal: a defesa da paz, solução pacífica dos conflitos, autodeterminação dos povos, prevalência dos direitos humanos e não-intervenção, e a sua aplicação prática.

Em tempos de intransigência política e aplicação do poder militar em prol de interesses nacionais, a par dos interesses coletivos, com as grandes potências utilizando seus arsenais bélicos para a realização de guerras em algumas partes do mundo sob o argumento de que elas seriam necessárias à paz, o Brasil mostrou como utilizar meios pacíficos em prol do mesmo objetivo.

A presença do Presidente do Brasil, prestigiando o evento, e das tropas brasileiras que se encontram no Haiti, reforçaram a fé em nossa capacidade de trabalhar em conjunto pela estabilidade e a prosperidade de todos os povos. Reforçaram, também, a imagem do país como um membro

atuante da comunidade internacional em favor da paz, fator importante num momento em que o governo retoma o discurso da necessidade de reforma das Nações Unidas, especialmente de seu Conselho de Segurança, o que lhe daria maior representatividade e legitimidade para o cumprimento das funções que lhe foram atribuídas.

O evento pode ser colocado como um dos grandes exemplos da contribuição brasileira para os empreendimentos pela paz das organizações internacionais.

CONCLUSÃO

Um artigo publicado no jornal Estado de São Paulo, de maio de 2007, sobre a operação de paz da ONU no Haiti, ressaltou com muita propriedade a “maneira brasileira de pacificar”. Reproduzimos um trecho do artigo com referência à operação planejada pelo comando brasileiro da MINUSTAH e executada por tropas da ONU (incluindo as brasileiras), em conjunto com a polícia haitiana em fevereiro de 2007. Foi uma ação que conseguiu pacificar o bairro de Cité Soléil (de 300 mil habitantes), considerado pela ONU o mais violento do País. Anteriormente, o Brasil já havia realizado operações semelhantes em outros bairros também violentos. Apesar da energia necessária para essas ações, os brasileiros contam com a simpatia do povo haitiano.

“Em Fort Dimanche e Waff Jeremie, a miséria e a desolação da capital haitiana lembram cenas da África exibidas nos cinemas. Em meio ao caos, os militares brasileiros jogam dominó, distribuem cachorro quente e fazem a festa com a criançada, vestidos de robô ‘Jauru Cop’ e de jacaré ‘Panta’, símbolos da tropa. O diferencial é que, nos olhos sofridos dos haitianos, há uma alegria e um sinal de esperança tão grande quanto o carinho de quem está realmente pensando em ajudar. É a tática de conquistar corações e mentes. Esse é o segredo do ‘modelo brasileiro de pacificação’, segundo o general Augusto Heleno Ribeiro, o primeiro brasileiro a pisar no Haiti em 2004. Desde que os militares brasileiros chegaram a Porto Príncipe, foram responsáveis pela prisão e expulsão de gangues dos locais mais violentos como Bel Air, Cite Militaire e Cite Soleil. ‘Já me chamaram aos Estados Unidos dezenas de vezes para dar palestras para explicar como o Brasil consegue acabar com a violência e conquistar a população no Haiti. Os americanos querem saber a receita do sucesso para poder aplicar no Iraque. Eu digo que o segredo é respeito e carinho. O segredo é ser brasileiro’, diz o general Heleno.

Os brasileiros, diferentemente de tropas de mais de 20 outros países que compõem a MINUSTAH, apresentam-se como amigos e acessíveis às crianças e aos haitianos, explica o coronel Barroso Magno e os haitianos concordam. O líder comunitário Romeu René, 52 anos, explica que há dois tipos de pessoas no Haiti, ‘as que querem matar e as que querem viver’. Segundo ele, os brasileiros conseguiram unir a população, não só combatendo o crime, mas distribuindo ajuda e dando carinho e atenção. ‘Eles são diferentes dos outros. Eu sinto que eles entendem nossos corações. Eles querem a paz para o país’. Entre as ações humanitárias realizadas pelos militares brasileiros estão a distribuição de kits escolares, água, alimentação, a perfuração de poços artesanais, asfaltamento de ruas e atendimento médico e odontológico gratuito. Na base General Bacellar, sede das tropas, 34 crianças de quatro a 18 anos estudam línguas e informática e têm atividades esportivas”.⁷

Há um conjunto de valores, estilos, formas de pensar características do povo brasileiro que são externadas quando da participação em operações de paz. Há, ainda, uma série de atributos presentes

⁷ STOCHERO, Tahiane. Na ‘cozinha do inferno’ brasileiro comanda a festa. **O Estado de São Paulo**, 9 mai. 2007, p. C 4.

na pessoa do brasileiro que, aliados a princípios e habilidades, são utilizados em ações práticas quando da participação em operações de paz, constituindo uma maneira peculiar de gerenciar ou de resolver conflitos, que batizamos de “cultura brasileira de manter a paz”. Essa “cultura” tem relação com a experiência acumulada em mais de meio século de participações em operações de paz da ONU. Mas tem relação também e, sobretudo, com o nosso modo de vida e de pensamento, com os valores, estilos e formas de pensar desse grupo social brasileiro.

No entanto, essa “cultura” não se conformou a partir da participação do País nas operações de paz. É algo inerente ao povo brasileiro. A participação dos pracinhas na 2ª Guerra Mundial, não abordada no presente artigo por não fazer parte do seu objeto, deixou uma série de exemplos dessa maneira peculiar de fazer a guerra pensando na paz. No território por onde a Força Expedicionária Brasileira (FEB) atuou, há uma série de relatos sobre a relação de afeto e carinho entre brasileiros e a população local. Alguns italianos, crianças durante a guerra, fazem questão de homenagear todo ano os brasileiros como retribuição pela maneira peculiar como foram tratados por nossa tropa nos idos de 1944 e 1945. Há, também, uma série de relatos sobre o reconhecimento dos alemães pela maneira profissional como foram tratados pelos brasileiros na situação de prisioneiros de guerra.

Esses exemplos reforçam o objeto do texto sobre a existência de uma “cultura” brasileira de fazer a paz. Essa característica cultural tem estado presente nas mais de quarenta missões de paz que o Brasil participou no âmbito das Nações Unidas e da Organização dos Estados Americanos e, face à peculiaridade e ao sucesso obtido, tem chamado a atenção de outros países que procuram aprender com esse “jeito brasileiro de manter a paz”.

(*) Artigo adaptado para o Encontro a partir do estudo feito pelo autor como Coordenador de GT do GAPCon/UCAM e publicado como **Caderno GAPConflitos III. Contribuição brasileira às missões de paz da ONU**. Editor: Clóvis Brigagão. Coordenador Editorial: Sérgio Luiz Cruz Aguilar. Colaboradores: Alice Andrés Ribeiro, Manhana C. de Aguiar e Mariana Luz. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Gramma, 2008.

BIBLIOGRAFIA

- AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz (Org.). **Brasil em Missões de Paz**. São Paulo: Usina do Livro, 2005.
- BRIGAGÃO, Clóvis. PROENÇA Jr., Domicio. **Brasil e o Mundo – Novas Visões**, Rio de Janeiro, Francisco Alves/FKA, 2002.
- FONTOURA, Paulo Roberto C. T. da. **O Brasil e as Operações de Manutenção da Paz das Nações Unidas**. Brasília, Instituto Rio Branco/FUNAG, 1999.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação as Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MARTINS, Estevão Chaves de Resende. **Relações Internacionais Cultura e Poder**. Brasília: FUNAG/IBRI, 2002.
- Organização das Nações Unidas. Departamento de Operações de Manutenção da Paz. **Country Contributors**. Disponível em http://www.un.org/Depts/dpko/dpko/contributors/2007/sept07_3.pdf. Acesso em 20 nov. 2007.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- PEREIRA, Merval. “O Haiti é aqui? A ocupação”. **O Globo**. Rio de Janeiro, 9 jun. 2007, p. 4.
- STOCHERO, Tahiane. Na ‘cozinha do inferno’ brasileiro comanda a festa. **O Estado de São Paulo**, 9 mai. 2007, p. C 4.